

Sarney diz que não pediu para ser presidente e não renuncia

BRASÍLIA — "Eu não pedi para ser presidente. Também não vou pedir para não ser presidente, por causa das dificuldades", afirmou o presidente José Sarney no programa semanal *Conversa ao pé do rádio*, em resposta aos boatos sobre sua renúncia.

O texto do programa está pronto, e começava exaltando o Dia da Vitória. Mas o presidente decidiu fazer alterações, antes de gravá-lo na noite de anteontem, em seu gabinete. "Eu não tenho ambições de poder, nem de mando mas, serenamente, tenho senso grave do cumprimento do poder", disse.

Ele começou anunciando: "as notícias são de que continuamos a nossa caminhada. Evidentemente, enfrentamos grandes dificuldades de natureza econômica e de natureza política. Mas quero dizer às brasileiras e brasileiros que nada, nada mesmo, me fará perder a noção do cumprimento de minhas obrigações".

O presidente Sarney falou, também,

sobre a Ferrovia Norte-Sul, de 1 mil 570 quilômetros, que, para ele, significará a ocupação do Brasil Central. "Nós vamos dar mais uma marcha naquilo que se chamava a civilização caranguejo, que é ficar preso o brasileiro à costa e que foi aberta com as obras de Juscelino na construção de Brasília e as obras de construção das estradas que demandaram esta vasta região."

Recordou que o presidente Juscelino Kubitschek ao fazer a Belém-Brasília também foi muito censurado. "Diziam que era a estrada que ligava nada ao nada; diziam que era a estrada das onças. E hoje nós estamos vendo que a Belém-Brasília foi a grande estrada de ocupação e de desenvolvimento de populações até então marginalizadas da vida brasileira".

Segundo o presidente, a Ferrovia Norte-Sul tem o mesmo objetivo de integrar "uma vasta região econômica e ao mesmo tempo preencher um grande vazio que existe hoje nesta área do Brasil.

O futuro fará justiça à decisão histórica de começar a sua realização", afirmou.

Antes de embarcar para o Rio, Sarney disse, em entrevista na base aérea de Brasília, que os atuais problemas econômicos "não nasceram do dia para a noite, são problemas acumulados ao longo do tempo. Para vencê-los, temos de concitar a sociedade e todos os segmentos para nos unirmos".

O presidente lembrou que ao assumir o governo, em 1985, lançou a proposta do pacto social. "Tive até a oportunidade de convidar o presidente (do PMDB) Ulysses Guimarães, para que ele fosse coordenador desse pacto político. Mas naquele momento nós não andamos nesse projeto", lamentou.

Sarney disse, entretanto, que não perdeu a esperança de ver o pacto concretizado. Voltou a conchamar os segmentos da sociedade a se sentarem com ele à mesa da negociação "com o espírito de tentar ultrapassar as dificuldades".

Olavo Rufino

Presidente quer resposta logo

BRASÍLIA — "Se o meu mandato não for definido até o final da semana, começarei a agir." A afirmação, feita pelo presidente José Sarney ao ministro Aureliano Chaves e ao presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, em reunião na última terça-feira, foi reproduzida anteontem pelo próprio Aureliano aos treze senadores pefelistas que compareceram, à noite, a uma reunião em sua residência. O prazo dado por Sarney expira neste final de semana.

Aos senadores do PFL, Aureliano fez um relato minucioso da disposição do presidente, externada na reunião de terça-feira. Segundo dois senadores presentes ao encontro, Aureliano contou que Sarney exigiu a definição de seu mandato, disse que não suportava mais a situação e que não era pessoa de ficar contemplando com a indefinição.

Para que o PFL pudesse dar uma posição a Sarney, o líder do partido no Senado, Carlos Chiarelli reuniu a bancada. Os senadores concordaram com a tese de que o mandato de Sarney deve ser o mesmo de seus sucessores, mas não conseguiram chegar a uma posição sobre a sua duração — embora exista uma tendência majoritária em favor dos cinco anos.

Na Câmara, o líder José Lourenço resistiu em consultar a bancada. Foi pressionado por Aureliano e acabou entregando o resultado de uma pesquisa fictícia: os deputados pefelistas seriam favoráveis aos cinco anos de mandato para Sarney e para os presidentes futuros. "Eu não fui ouvido", informou o deputado Lúcio Alcântara (CE), que ocupa a presidência da Fundação Tancredo Neves, vinculada ao partido.

Ex-marinheiros pedem anistia

Sessenta soldados do Batalhão de Guardas separaram do presidente José Sarney cerca de 30 manifestantes a favor de anistia ampla, geral e irrestrita aos marinheiros, cabos e soldados cassados pelo golpe de 64. Com uma enorme faixa aberta por 12 homens — e a inscrição "injustiça nunca mais — a UMNA (União dos Militares Não-Anistiados), que promoveu a manifestação, lançou uma novidade a fim de reviver no país o movimento argentino das Mães da Plaza de Mayo: mulheres de luto pelos maridos não anistiados.

Afastados da grama do Parque do Flamengo, os manifestantes acabaram tendo a enorme faixa roubada e, depois de a reaverem, ocuparam a calçada seguinte à pista em direção ao Centro. Fora a manifestação pela anistia, a solenidade no Monumento aos Mortos atraiu também a atenção de motoristas que, por um momento, ameaçaram iniciar um buzinaço. A presença de Sarney foi motivo de alegria mesmo para a dona de casa Luzia da Silva Tavares, que furou o esquema de segurança e beijou o presidente.

Sarney foi surpreendido pela mulher — de aparência rude e desdentada — quando, ao final da solenidade, embarcava no ônibus presidencial, em direção ao 3º Comar, na Praça 15. Dali, o presidente partiu para a Base Aérea do Galeão, num helicóptero Puma, da FAB. Luzia Tavares, baiana de 53 anos e moradora da Paciência (Zona Oeste do Rio), chorou ao abraçar e beijar o presidente da República, mas demonstrou sinais de deficiência mental:

— Depois que ele (Sarney) assinar a carta-magna, eu serei futura constituinte no Brasil — afirmou Luzia, sem achar alguém que a entendesse.

— O governo discrimina os marinheiros, cabos e soldados cassados, apenas porque representam a classe operária das Forças Armadas — afirmou Paulo Novaes Coutinho, ex-fuzileiro naval que viveu clandestinamente durante 14 anos. Seu único crime foi aderir à histórica assembléia de subalternos da Marinha, em 25 de março de 1964, no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio:

— Nós, fuzileiros, fomos chamados para controlar o movimento, mas acabamos deixando as armas do lado de fora e aderimos à manifestação — lembra Coutinho, que, após o golpe militar, passou um ano preso com o cabo Anselmo — líder dos marinheiros, que acabou ingressando na luta armada e, mais tarde, admitiu que era um traidor.

A luta dos militares não-anistiados dura sete anos, e a última derrota foi a recusa dos ministros militares em conceder a anistia, quando a Constituinte foi convocada, em outubro de 85.

Segundo Lourenço Sena, entre os 1 mil 600 militares não-anistiados cerca de 200 foram considerados falecidos "para caracterizar uma punição administrativa, que não permite o reingresso deles nas Forças Armadas, nem mesmo na reserva".



Sarney chegou à cerimônia com Moreira e D. Eugênio

Reivindicação agrava crise

Ao desembarcar na base aérea do Galeão, o presidente José Sarney disse que o país enfrenta uma crise "exacerbada por reivindicações impossíveis de ser atendidas não só pelo governo, mas também pela própria sociedade." Assim como fizera no programa *Conversa ao pé do rádio*, ele voltou a desmentir o boato de renúncia: "Eu não pedi para ser presidente e não vou pedir para sair."

Sobre a proposta de adoção do parlamentarismo, que com a crise ganha força na Constituinte, Sarney disse que prefere deixar a discussão para o Legislativo, embora considere que "o Congresso deva ter uma parcela maior do poder". Ainda na Base do Galeão, o presidente afastou qualquer possibilidade de hiperinflação, mesmo admitindo que "a inflação está alta".

Afirmou que com o gatilho salarial "a classe trabalhadora vem recuperando o que a inflação está erodindo" e assegurou a disposição para o Legislativo, embora considere que "o Congresso deva ter uma parcela maior do poder".

Sarney chegou às 9h15min, para participar das comemorações do 42º aniversário da vitória dos aliados na 2ª Guerra Mundial e veio acompanhado de todos os ministros militares: Octávio Moreira Lima, da Aeronáutica, Leônidas Pires Gonçalves, do Exército, Henrique Sabóia, da Marinha, Ivan de Sousa Mendes, do SNI, Paulo Campos Paiva, do Estado-maior das Forças Armadas, e Rubens Bayma Denys, do Gabinete Militar. Dos civis vieram Raphael de Almeida Magalhães, da Previdência Social, Paulo Brosard, da Justiça, e Almir Pazzianotto, do Trabalho.

O presidente seguiu de helicóptero até a sede do 3º Comando Aéreo, próximo ao aeroporto Santos Dumont, e de lá foi de ônibus especial até o Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, no Aterro do Flamengo. Sarney chegou acompanhado do governador Moreira Franco, dos comandantes regionais das três forças e do cardeal Eugênio Sales. Além dos deputados federais do PMDB e do PFL, estavam na comitiva dois do PL (Álvaro Vale e Adolpho Oliveira) e um do PTB (Roberto Jefferson), partidos que não participam formalmente da Aliança Democrática.

Moreira — Depois de se despedir do presidente Sarney na Base Aérea do Galeão, às 11h30min de ontem, o governador Moreira Franco afirmou ser "indispensável que o Governo apresente uma política econômica, no papel, assinado em baixo" a fim de que "a sociedade se organize" e reivindique a partir da proposta governamental. "O que não pode ocorrer", disse Moreira, "é o que aconteceu com a gasolina, cujo preço foi aumentado de um dia para o outro, surpreendendo todo mundo".

Após conversar com Sarney, na pérgula da Base Aérea, Moreira Franco afirmou que "a situação econômica é grave, mas o ambiente político nos dá tranquilidade", principalmente com a Constituinte, que "vai consolidar o regime democrático". Indagado sobre como pode haver tranquilidade política em meio às turbulências geradas pela reforma ministerial, Moreira replicou que "a democracia é ruidosa" e permite "pressões, a negociação e o entendimento".

Almir Pazzianotto